



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<https://publicacoes.iel.unicamp.br/praticas-de-memoria-na-sala-de-aula/>

DOI: 0

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2023 by Asa da Palavra. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>



# (Re)Contando histórias: Trauma e memória

Oficina temática indicada para o 9º ano do Ensino Fundamental

## Os objetivos destas atividades são:

estabelecer conexões entre conhecimentos de mais de uma área de estudo;

refletir e compreender a função social e política do texto memorialístico de origem traumática a partir da leitura e produção textual em formato de mídia digital;

ler textos, em diferentes modalidades e gêneros, que apresentem e analisem narrativas do holocausto judeu;

contribuir para que os(as) alunos(as) compreendam que cada um deles pode criar conteúdos para as novas mídias como sujeito crítico e atentos ao mundo e ao outro;

pesquisar narrativas do holocausto para produção de texto no gênero roteiro para *podcast* de *storytelling* e posterior gravação.

# Caro(a) professor(a)

Para o desenvolvimento desta oficina temática, adaptaremos a estrutura de oficina de leitura, conforme orientações de Mügge e Saraiva (2006), à luz dos objetivos pretendidos pela Pedagogia dos Multiletramentos proposta pelo *New London Group*. No manifesto escrito pelo grupo, é explicitada a necessidade de que a escola forme indivíduos capazes de exercer a sua cidadania de forma crítica, principalmente por estarem inseridos em uma sociedade que é marcada pela multiplicidade e diversidade cultural e linguística. Ainda que o texto seja muito rico e suas reflexões forneçam *insights* importantes para um melhor desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, o argumento que tomaremos como norteador desta oficina é aquele que delimita que as novas mídias se mostraram decisivas para a criação de espaços em que os sujeitos sejam capazes de encontrar suas próprias vozes.

Sendo assim, a escolha do gênero *podcast*, que será mais bem desenvolvido em momento posterior, é feita com o intuito de legitimar práticas de leitura e escrita que são ignoradas normalmente pela escola. Isso é de extrema importância para o desenvolvimento de alunos(as) leitores(as), porque a leitura escolar está associada a noções de autoridade, que legitimam certas práticas e que deslocam o(a) aluno(a) de seu espaço de agência, limitando sua compreensão textual às habilidades de mera coleta e reprodução de informações.

Será desenvolvida aqui, portanto, uma oficina de leitura estruturada em torno do conteúdo pragmático do 9º ano do Ensino Fundamental II. Propomos a interdisciplinaridade com as disciplinas de História e Sociologia, sendo seu objetivo principal a reflexão e compreensão da função social e política do texto memorialístico de origem traumática a partir da leitura e produção textual em formato de mídia digital. Sendo assim, temos como objetivos principais: desenvolver consciência crítica e atuante em relação às violências e aos traumas sofridos pelos sobreviventes do Holocausto e legitimar práticas de leitura e escrita não-escolares.

Para isso, teremos como estratégias a reprodução, interpretação e discussão de textos literários; realização de pesquisas na Internet; preparação e revisão de texto no gênero roteiro para podcast de *storytelling*; e, por fim, a leitura oral para gravação. Entre os recursos utilizados, estão o uso de documentos históricos; a literatura memorialística; equipamentos para gravação sonora (smartphone, microfone, câmera fotográfica); editores de áudio de código livre (Audacity).

Daphiny Lisboa de Santana

## Reconhecimento e exposição temática: a literatura do trauma e o gênero do podcast

Considerando o contexto escolar de ensino e aprendizagem, estruturado ainda em torno de noções bastante arcaicas e ultrapassadas sobre a disciplina de História e a memória, acreditamos ser necessário explicitar o que será aqui considerado como modelo tradicional de historiografia, para que o(a) professor(a) de Linguagens tenha em mente o percurso que irá percorrer quando propuser uma atividade interdisciplinar.

Para muitos profissionais da área, a concepção de ciência histórica ainda é pautada na construção de fatos representativos de uma verdade histórica, elaborados pelo historiador a partir da investigação de um conjunto de evidências documentais. Para os adeptos desta perspectiva teórica, então, a escrita da história é quão objetiva se pode ser, visto que é oriunda da análise e pesquisa desse corpo documental. Nessa corrente de pensamento, é estabelecido um limite extremamente delineado entre o que é História, ciência, e o que é ficção, arte. É por isso que em muitos livros didáticos de História você ainda encontra apenas documentos oficiais, como legislações e decretos, como fontes.

A memória, nesse contexto, apesar de ser também reconhecida como um meio de relacionamento com o passado, é comumente relegada ao campo da ficção – o campo das Linguagens –, sendo totalmente oposta ao que se construiu sobre a historiografia. Isso porque é encarada como um depósito de lembranças apaixonadas, individuais, imprecisas e, conseqüentemente, danadas ao esquecimento. Fica claro como se mostra distante da exatidão ainda pretendida por certos docentes e, por conta disso, durante muito tempo a memória não foi pretendida como fonte para o estudo da História, porque não era coerente equipará-la aos documentos primários.



Margaret Furst no Dia da Memória do Holocausto. [Fonte](#)

É com a intenção de suprir essa lacuna que esta oficina se estrutura. A escolha do *podcast* de *storytelling* se dá, então, por conta da relevância de sua natureza narrativa para o desenvolvimento representativo da memória do Holocausto.

O *podcast* é uma mídia, em formato de áudio, cujo conteúdo é oferecido sob demanda, ou seja, permite ao usuário escolher seus programas preferidos sem depender de conteúdos previstos em uma grade de programação.



**Como podemos, como educadores(as), ajudar nossos(as) alunos(as) a darem forma a algo que vai além da capacidade humana de imaginação?**

Considerando que a prática situada intenta que os aprendizes se envolvam em práticas de imersão para a sua aprendizagem, partiremos das experiências de nossos(as) alunos(as) a fim de construir este que é um conteúdo novo para eles.

Para isso, seguem alguns exemplos de textos memorialísticos, pautados na percepção do trauma do Holocausto judeu, para que os(as) alunos(as) possam se familiarizar com o gênero.

## Texto 1

“O plano foi elaborado até o último de seus meticulosos detalhes militares. Nós, as miseráveis vítimas de nosso povo, fomos mobilizados para servir na frente do conflito, contra nossos próprios irmãos e irmãs, nossa própria natureza, nossa própria carne.

Devemos ser a primeira linha, na qual as vítimas podem se atirar, e atrás de nós estão os ‘heróis e lutadores pelo [grande] poder’ com metralhadoras, granadas de mão e rifles. [...] Daqui a pouco seremos testemunhas, com nossos próprios olhos judeus. Teremos que observar nossa própria destruição e ver como cinco mil seres humanos, cinco mil judeus, cinco mil vidas fortes, vibrantes e fluorescentes, de mulheres e filhos, maridos, crianças e idosos, pessoas, independentemente de sexo e idade, como sob a pressão dos criminosos amaldiçoados, com a participação do rifle, da granada de mão e da metralhadora, e com a ajuda de seu parceiro eterno, o cão selvagem inflamado, com suas quatro pernas, que irão imediatamente persegui-los, empurrá-los e espancá-los sanguinariamente, para confundir e abusar deles, e como eles vão correr, querendo ou não, para os braços da morte. Além disso, nós, seus irmãos, seus próprios espírito e carne, teremos que ajudar nisso,





para ajudar a removê-los dos caminhões, levá-los para o bunker e ajudá-los a se despir até ficarem tão nus quanto no dia em que nasceram. E então ajudar a escoltá-los, absolutamente prontos, para ajudar a escoltá-los até um *bunker* – no túmulo – da morte”. (“From the Heart of Hell”, manuscritos de Zalmen Gradowski. Tradução da autora. GREIF, 2005)



Local que foi ocupado pelo campo de concentração de Auschwitz, na Polônia. [Fonte](#)

## Texto 2

**“Entrevistador (Claude Lanzmann):** Como ele se sentiu na primeira vez que descarregou cadáveres, quando abriram as portas do seu primeiro caminhão de gás?

**Entrevistado (Michael Podchlebnik, membro do Sonderkommando):** O que poderia fazer? Eu chorei.

No terceiro dia, eu vi minha esposa e filhos. Eu coloquei a minha esposa na vala e pedi que me matassem. Os alemães disseram que ainda tinha forças para trabalhar... e que não me matariam ainda.” (Entrevista de Michael Podchlebnik para Claude Lanzmann no documentário Shoah, 1985. Tradução da autora)



Cartaz do documentário Shoah (1985), de Claude Lanzman.

[Fonte](#)

*Sonderkommando*: em alemão, “unidade de comando especial”, nome usado para se referir a grupos de prisioneiros judeus obrigados a trabalhos forçados dentro de campos de concentração.



Levante do Gueto de Varsóvia. [Fonte](#)

### Texto 3

“Eu nunca devo esquecer aquela noite, a primeira noite no campo, que transformou a minha vida em uma única longa noite selada sete vezes.

Eu nunca devo esquecer aquela fumaça.

Eu nunca devo esquecer os pequenos rostos das crianças cujos corpos eu vi transformarem-se em fumaça sob um céu silencioso.

Eu nunca devo esquecer aquelas chamas que consumiram a minha fé para sempre.

Eu nunca devo esquecer o silêncio noturno que me privou por toda a eternidade do meu desejo de viver.

Eu nunca devo esquecer aqueles momentos que assassinaram o meu Deus e a minha alma e transformaram os meus sonhos em cinzas.

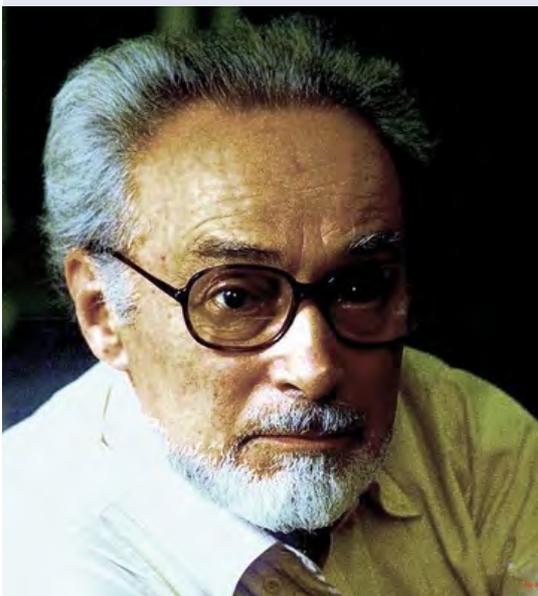
Eu nunca devo esquecer aquelas coisas, até se eu for condenado a viver por tanto tempo que o Próprio Deus.

Nunca.” (Elie Wiesel sobre sua primeira noite no campo de concentração. Tradução da autora. WIESEL, 2006)

“Aqui está minha irmã, e algum amigo (qual?), e muitas outras pessoas. Todos me escutam, enquanto conto do apito em três notas, da cama dura, do vizinho que gostaria de empurrar para o lado, mas tenho medo de acordá-lo porque é mais forte que eu. Conto também a história da nossa fome, e do controle dos piolhos, e do Kapo que me deu um soco no nariz e logo mandou que me lavasse porque sangrava. É uma felicidade interna, física, inefável, estar em minha casa, entre pessoas amigas, e ter tanta coisa para contar, mas bem me apercebo de que eles não me escutam. Parecem indiferentes; falam entre si de outras coisas, como se eu não estivesse. Minha irmã olha para mim, levanta, vai embora em silêncio.

Nasce então, dentro de mim, uma pena desolada, como certas mágoas da infância que ficam vagamente em nossa memória; uma dor não temperada pelo sentido da realidade ou a intromissão de circunstâncias estranhas, uma dor dessas que fazem chorar as crianças. Melhor, então, que eu torne mais uma vez à tona, que abra bem os olhos; preciso estar certo de que acordei, acordei mesmo.

O sonho está na minha frente, ainda quentinho; eu, embora desperto, continuo, dentro, com essa angústia do sonho; lembro, então, que não é um sonho qualquer; que, desde que vivo aqui, já o sonhei muitas vezes, com pequenas variantes de ambiente e detalhes. Agora estou bem lúcido, recordo também que já contei o meu sonho a Alberto e que ele me confessou que esse é também o sonho dele e o sonho de muitos mais; talvez de todos. Por quê? Por que o sofrimento de cada dia se traduz, constantemente, em nossos sonhos, na cena sempre repetida da narração que os outros não escutam?” (LEVI, 2013)



Primo Levi. [Fonte](#)

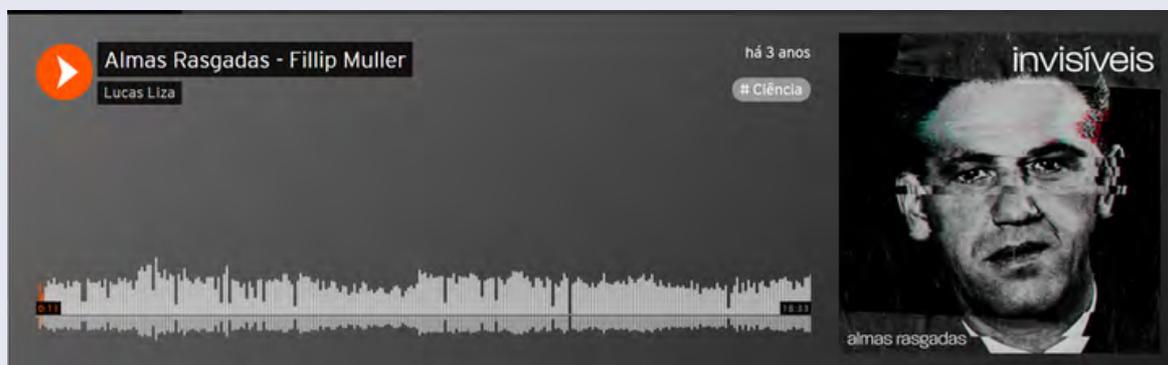


Elie Wiesel. [Fonte](#)

Após a leitura dos textos, o(a) professor(a) pode fazer as seguintes perguntas para seus(suas) alunos(as):

1. O que os textos têm em comum?
2. Você conhece algum outro texto, escrito ou oral, com essas mesmas características?

Na sequência, apresentar o *podcast* de *storytelling* que servirá como norteador para o desenvolvimento da oficina.



Escuta em grupo do *podcast*, disponível na plataforma Soundcloud, intitulado “Almas Rasgadas – Filip Muller”, produzido como parte do projeto *invisíveis* (<https://soundcloud.com/lucas-liza/almas-rasgadas-fillip-muller>), de Daphiny Lisboa e Lucas Liza.

O *podcast* acompanha a história de Filip Muller, “portador do segredo”: um homem morto, como ele próprio se descreve.

A próxima etapa da oficina buscará sistematizar os elementos presentes na mídia, a fim de que os(as) alunos(as) sejam capazes de reproduzi-la ao término da atividade.

### **Exposição e discussão: Sistematização e análise dos conceitos**

Neste momento, em conjunto com os(as) alunos(as), o(a) professor(a) deve esquematizar os componentes de um *podcast*. A intenção é que a turma seja capaz de, coletivamente, identificar os segmentos constituintes desse gênero discursivo a partir da própria escuta e de conhecimentos prévios, a partir da memória de suas próprias práticas em uso de recursos de comunicação.

A ideia é que se construa, em grupo, compreensões próprias sobre o que consideram um *podcast*, a partir do reconhecimento que fazem do gênero. É importante, porém, que reflitam, com o direcionamento oferecido por um(a) professor(a) sobre os tópicos a seguir.

Para compreender a pesquisa e a elaboração do roteiro:

1. Público – pensar no público para qual o programa foi direcionado é de extrema importância uma vez que tal escolha dita todos os caminhos a serem seguidos e as adequações que deverão ser feitas para uma melhor compreensão do assunto discutido. No caso do *podcast* de *storytelling*, que busquem responder à pergunta: quem eu quero atingir com o relato dessa memória?

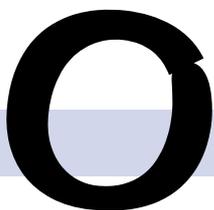
2. Linguagem e formato – atentar-se às construções narrativas desenvolvidas pelos autores do *podcast* ao contar a história. Como ela se estrutura? A partir de que momento começa a história?

O formato seguido neste episódio em questão respeita aquilo que comumente é associado ao *storytelling*: primeiro a apresentação do personagem (no caso, homens, presos nos campos de concentração nazistas, que não podiam se comunicar com ninguém). No segundo momento, a história deve instigar o(a) leitor(a)/ouvinte com algum detalhe a ser desvendado (Filip Muller diz ser um portador de segredo, mas qual segredo ele guarda?). Durante o desenvolvimento da narrativa traumática, descobrimos quais segredos o prisioneiro guarda — o que chamamos de *punchline*. Por fim, a reflexão que aquela memória de trauma busca fomentar.

3. Recursos – muitos são os recursos que podem ser utilizados para que o programa produzido se torne mais atrativo para o público. No caso da narrativa memorialística, o que foi utilizado de modo a causar qualquer emoção no ouvinte?



Memorial do Holocausto Yad Vashem, em Jerusalém. [Fonte](#)



## Oficina de produção e escuta

Para a conclusão da oficina, é preciso que os(as) alunos(as) produzam seus próprios *podcasts*. Vamos dividir a experiência em seis etapas.



### Etapa 1 - Pesquisa

Orientar a turma quanto às obras memorialísticas que poderão ser utilizadas para produzir o *podcast*. O foco aqui é que utilizem testemunhos escritos, porque faz parte do desafio da atividade transpor a narrativa escrita para as práticas de letramento requeridas para a produção de um *podcast*.

#### Algumas sugestões de fontes de testemunhos escritos:

Sendo assim, oferecemos algumas possibilidades de leitura – não esperamos que os(as) alunos(as) leiam os livros em sua totalidade e, por isso, sugerimos que os(as) professores(as) criem um material selecionando algumas das narrativas que julgarem mais pertinentes para a apreensão da temática pela turma.

FRANK, Anne. *Diário de uma jovem*. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 1972.

KLUGER, Ruth. *Paisagens da memória: Autobiografia de uma sobrevivente do holocausto*. Tradução de Irene Aron. São Paulo, SP: Editora 34, 2005.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

LEVI, Primo. *A trégua*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

RAJCHMAN, Chil. *Eu sou o último judeu: Treblinka (1942-1943)*. Prefácio de Annette Wieviorka. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2010.

VENEZIA, Shlomo. *Sonderkommando: No inferno das câmaras de gás*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2010.

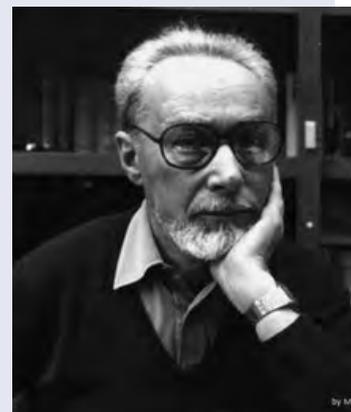
[de cima para baixo] Anne Frank, Ruth Klüger e Primo Levi



Fonte



Fonte



Fonte



## Etapa 2 - Elaboração do roteiro

Para a elaboração do roteiro, recomenda-se que o(a) professor(a) oriente seus(as) alunos(as) a seguirem os passos apresentados em “Sete Elementos do *Storytelling* Digital” (ROBIN, 2008, p. 222), desenvolvidos pelo *Center for Digital Storytelling*, que se encontram traduzidos no quadro a seguir.

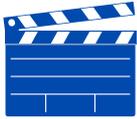
1. Ponto de vista	Qual é o ponto principal da história e qual é a perspectiva do autor?
2. Uma questão dramática	Uma questão-chave que mantém a atenção do espectador e que será respondida no final da história
3. Conteúdo emocional	Questões sérias que ganham vida de uma forma pessoal e poderosa e conectam a história ao público.
4. O presente da sua voz	Uma forma de personalizar a história para ajudar o público a entender o contexto.
5. O poder de uma trilha sonora	Música ou outros sons que apoiam e embelezam o enredo.
6. Economia	Usando apenas o conteúdo suficiente para contar a história sem sobrecarregar o ouvinte.
7. Ritmo	O ritmo da história e quão lenta ou rapidamente ela progride.

(ROBIN, 2008)



## Etapa 3 - Correção e adequação do roteiro ao gênero oral

Realizem uma revisão geral do roteiro.

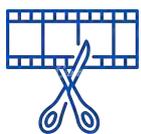


## Etapa 4 - Gravação

**Local:** embora um local especialmente projetado para a gravação de áudio seja recomendado, como um estúdio com isolamento acústico, seu uso não é obrigatório. É necessário pontuar, entretanto, que as escolhas tomadas nessa etapa impactam as posteriores, especialmente a edição do material produzido. Ao gravar em locais com o mínimo ruído, ausência de eco e interferências, as demais etapas são impactadas positivamente, de forma que a edição se torna mais simples e a qualidade do áudio melhor.

Gravar em locais abertos, com eco ou não isolados acusticamente afetam o som captado de forma negativa, deixando-o repleto de ruídos – como vento, sons do ambiente externo, entre outros. Para resolver tais questões, a edição precisará ser mais intensa e, embora com ela seja possível atenuar a maioria das imperfeições nos áudios, é importante demarcar que a sua qualidade final está intimamente ligada com a qualidade original. Tais atributos são diretamente proporcionais, ou seja, um áudio original de maior qualidade de captação terá, ao final do processo de edição, uma qualidade maior se comparado a um mesmo áudio com captação inferior.

**Aparelhos:** por conta da popularização dos *smartphones* e grande quantidade de dispositivos tecnológicos com capacidade de gravação de mídia, essa é uma etapa que, ainda que trabalhosa, não deve fornecer problemas aos(as) alunos(as). Porém, isso não significa que eles não serão incentivados a desenvolver suas habilidades em resolução de problemas. Isso porque, muito provavelmente, nem todos terão acesso aos melhores microfones e gravadores de áudio. Sendo assim, o(a) professor(a) deve orientar os(as) alunos(as) a gravar os seus *podcasts* da melhor forma que puderem, atentando-se aos elementos supracitados para que, ainda que não haja aparato de captação adequado, o resultado seja bem aproveitado.



## Etapa 5 - Edição

**Software:** é popularmente difundido que os *softwares* de edição de áudio são extremamente difíceis de manusear e que só os programas pagos podem trazer bons resultados. Porém, há uma diversa gama de *softwares* livres disponíveis que podem ser utilizados, dentre os quais destacamos o Audacity. O programa está disponível para *download*, em português, nas principais plataformas (Windows, Linux e Mac) e é bem completo em suas funcionalidades.

Mesmo assim, apresenta uma interface do usuário bastante intuitiva, o que torna sua curva de aprendizagem menor se comparada a de outros programas como Adobe Audition ou Sound Forge, *softwares* proprietários e comumente utilizados para uso profissional. Além disso, os(as) alunos(as) também podem utilizar aplicativos disponíveis em seus *smartphones*, como WavePad Music and Audio Editor (iOS e Android) e Super Sound (Android).

**Efeitos sonoros:** um *podcast* não se resume somente às vozes dos participantes – principalmente um *podcast* de *storytelling*. A presença de outros elementos auditivos é bem-vinda não só pelo seu uso retórico, mas também para captar e manter a atenção do ouvinte. Neste momento, modificamos o balanceamento entre a forma e o conteúdo do *podcast*. Por exemplo, se utilizamos com frequência citações ou referências no *podcast* em vez de citarmos oralmente os trechos durante toda a sua duração, podemos utilizar outras alternativas como: aplicar efeitos na voz – como se ouvidos de um telefone ou rádio; inserir sons que indiquem que a fala a seguir é uma citação – como as teclas de uma máquina de escrever batendo, entre outros. Uma vez que o recurso auditivo é o único elemento à disposição no *podcast*, ele deve contribuir, então, para manter a atenção do público, seja ressaltando pontos importantes do argumento ou auxiliando na construção de uma relação entre narrador e ouvinte.



## Etapa 6 - Compartilhamento de resultados/divulgação

Neste momento, incentiva-se a troca dos resultados entre os(as) estudantes para que possam discutir o desenvolvimento da atividade enquanto escutam os trabalhos de seus colegas.

A intenção aqui não é criticar o trabalho alheio, mas apreciar e entrar em contato com as diferentes narrativas memorialísticas, a fim de que os(as) alunos(as) desenvolvam consciência crítica e atuante em relação aos traumas sofridos pelos sobreviventes do Holocausto.

### Referências bibliográficas

GREIF, G. *We wept without tears: testimonies of the Jewish Sonderkommando from Auschwitz*. London: Yale University Press, 2005.

LEVI, Primo. *É isto um homem?*. São Paulo: Rocco, 2013, p. 85-86.

ROBIN, B. *Digital storytelling: A powerful technology tool for the 21st century classroom*. The College of Education and Human Ecology, The Ohio State University, 47 (3), p. 220-228, 2008.

SARAIVA, Juracy A.; MÜGGE, Ernani. *Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

WIESEL, E. *Night*. New York: Hill and Wang, 2006, p. 34.

